

As amarrações das angústias infantis

Rosane Melo

Resumo

Freud aborda a angústia como afeto que reproduz um estado diante de um antigo evento perigoso, qual seja, o desamparo em face das exigências libidinais. A primeira angústia é tóxica, e na clínica encontramos sempre um resíduo enigmático dessa angústia, que se manifesta como fracasso da separação do gozo do Outro. Com Hans, apreendemos a função de defesa das fobias infantis e sua relação com a angústia. Lacan propõe a fobia como sintoma que institui um significante-sentinela, como o cavalo totêmico de Hans, o qual permite a significação do gozo do Outro e barra um investimento de objeto intensificado pela identificação ao que há de mais real no sujeito, salvaguardando o desejo do sujeito. Eis o que pretendemos desenvolver, a relação entre a angústia do desamparo e a angústia de castração, a passagem do gozo do Outro ao gozo fálico e as respostas infantis que permitem tratar o real da angústia: o *fort-da*, as construções míticas, as teorias sexuais infantis, a fobia. O que ocorre quando um real não encontra lugar para se inscrever no discurso do Outro?

Palavras-chave:

Angústia; Infantil; Brincar; Fobia.

The bindings of infantile angst

Abstract

Freud approaches anguish as an affect that reproduces a state faced with an old dangerous event, namely, helplessness in the face of libidinal demands. The first anguish is toxic and in the clinic we always find an enigmatic residue of this anguish that manifests itself as a failure to separate jouissance from the Other. With Hans, we learn the defense function of childhood phobias and their relationship with anguish. Lacan proposes phobia as a symptom that establishes a sentinel signifier, like Hans's totemic horse, which allows the signification of the Other's enjoyment and bars an object investment intensified by identification with what is most real in the subject, safeguarding desire of the subject. This is what we intend to develop, the relationship between the anguish of helplessness and the anguish

of castration, the passage from the jouissance of the Other to the phallic jouissance and the infantile responses that allow us to deal with the real of anguish: the *fort-da*, the mythical constructions, the infantile sexual theories, phobia. What happens when a real does not find a place to be inscribed in the Other's discourse?

Keywords:

Anguish; Infantile; Playing; Phobia.

Los amarres de las angustias infantiles

Resumen

Freud aborda la angustia como un afecto que reproduce un estado ante un viejo acontecimiento peligroso, a saber, la impotencia frente a las exigencias libidinales. La primera angustia es tóxica y en la clínica siempre encontramos un residuo enigmático de esta angustia que se manifiesta como una falta de separación del goce del Otro. Con Hans aprendemos la función de defensa de las fobias infantiles y su relación con la angustia. Lacan propone la fobia como un síntoma que instaaura un significante centinela, como el caballo totémico de Hans, que permite la significación del goce del Otro e impide una investidura de objeto intensificada por la identificación con lo más real del sujeto, salvaguardando el deseo del sujeto. Esto es lo que pretendemos desarrollar, la relación entre la angustia del desamparo y la angustia de la castración, el paso del goce del Otro al goce fálico y las respuestas infantiles que nos permiten lidiar con lo real de la angustia: el *fort-da*, las construcciones míticas, las teorías sexuales infantiles, la fobia. ¿Qué sucede cuando un real no encuentra un lugar para inscribirse en el discurso del Otro?

Palabras clave:

Angustia; Infantil; Juego; Fobia.

Les amarres des angoisses infantiles

Résumé

Freud aborde l'angoisse comme un affect qui reproduit un état face à un événement dangereux ancien, à savoir l'impuissance face aux exigences libidinales. La première angoisse est toxique et on retrouve toujours dans la clinique un résidu énigmatique de cette angoisse qui se manifeste par un échec à séparer la jouissance de l'Autre. Avec Hans, nous apprenons la fonction de défense des phobies infantiles et leur rapport avec l'angoisse. Lacan propose la phobie comme un symp-

tôme qui constitue un signifiant sentinelle, comme le cheval totémique de Hans, qui permet la signification de la jouissance de l'Autre et interdit un investissement objectal intensifié par l'identification à ce qu'il y a de plus réel dans le sujet, sauvegardant le désir du sujet. C'est ce que nous entendons développer, le rapport entre l'angoisse d'impuissance et l'angoisse de castration, le passage de la jouissance de l'Autre à la jouissance phallique et les réponses infantiles qui permettent d'affronter le réel de l'angoisse: le *fort-da*, les constructions mythiques, les théories sexuelles infantiles, la phobie. Que se passe-t-il lorsqu'un réel ne trouve pas de place pour s'inscrire dans le discours de l'Autre ?

Mots-clés :

Angoisse ; Infantil ; Jeu ; Phobie.

O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo.
(Rosa, 2019)

Freud (1932-1933/2008) define a angústia como afeto que reproduz um estado diante de um antigo evento perigoso e acentua o desamparo em face das exigências da pulsão e do gozo do Outro. O que desperta a angústia é um fator traumático, trata-se de uma vivência que não pode ser tramitada pelo princípio do prazer. A tese de Freud reporta às exigências libidinais, o que da pulsão não é representável, como as primeiras e originárias vivências traumáticas. Essa “angústia tóxica” (Freud, 1932-1933/2008, p. 75), como índice da intromissão radical de uma coisa tão Outra no ser vivo “que, no nascimento, ao emergir neste mundo em que tem que respirar, ele fica, literalmente asfixiado, sufocado” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 355). Intromissão radical, invasão do real no corpo que deixa sempre um resíduo enigmático, que se manifesta em tempos de crise, crise do sujeito, como fracasso da separação do gozo do Outro, levando-se em conta que não há Outro do Outro. A angústia, resíduo de um fracasso que acompanha o sujeito, “pois todo sintoma herda certo fracasso em se separar do gozo materno” (Cottet, 2011, p. 134).

Com Lacan, depreendemos o traumático a partir desse encontro do corpo com o gozo e com *alíngua*. A angústia como índice do real no corpo, por um lado, e, por outro, perda de todo sentido, ali quando se perde a “conexão entre simbólico e imaginário” (Cevasco & Chapuis, 2021, p. 168), é o afeto sinal de todo advento do real (Lacan, 1974), ou, mais ainda, uma reação diante do perigo e seus efeitos, efeitos esses que, por sua vez, estão presentes desde as primeiras vivências do *infans*.

Eis o que pretendemos abordar no presente trabalho, a partir da temporalidade lógica da instituição subjetiva, da relação entre a angústia do desamparo e a angústia de castração, a passagem do gozo do Outro ao gozo fálico, e as respostas in-

fantis que permitem tratar o real da angústia, como modalidades de amarração, de simbolização: o *fort-da*, as construções míticas, as teorias sexuais infantis, a fobia. A clínica e a experiência com crianças nos permitem reunir certos elementos que circunscrevem a inscrição do gozo na significação fálica e a incidência dos significantes na instituição subjetiva. Fazer falar a angústia na clínica com crianças, como propuseram o XII Encontro da Internacional dos Fóruns e o VIII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns Campo Lacaniano, deve levar em conta sua vinculação com o gozo do Outro, ali onde está o verdadeiro furo, “onde se revela que não há Outro do Outro” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 130), um indicativo do quanto uma criança pode estar mais próximo da “angústia do abismo, do vazio” (Cevasco & Chapuis, 2021, p. 176). Essa angústia do abismo diz respeito à ausência de um significante que possa significar a falta de gozo, à possibilidade de se deixar aspirar por esse furo. O abismo que se abre diante do *nada-de-pênis da mãe*, donde se extrai o *nada-de*, contra o qual o sujeito “se protegerá com uma fobia” (Lacan, 1965/1998, p. 892).

As indicações psicanalíticas que atravessam as noções de corpo e de gozo, bem como os desdobramentos introduzidos por Lacan ao demonstrar que a linguagem afeta o gozo, que *alíngua* afeta o gozo, além do gozo próprio à *alíngua*, corroboram a definição do gozo como essa “substância que se encarna num corpo” (Cevasco & Chapuis, 2021, p. 146). A psicanálise, desde Freud, trabalha com esse corpo de gozo, reatualizado e ritualizado no sintoma, e sabemos o quanto a noção de corpo extrapola aquela introduzida no estádio do espelho, do corpo da imagem especular, à medida que um corpo é também essa substância viva transmutada em substância gozante “às margens do acesso à linguagem” (Soler, 2010, p. 23). Gozo traumático, tratado por Freud (1932-1933/2008) na *Conferência 32, Angústia e vida pulsional*, afeta o vivente, que, por sua vez, está enredado na trama simbólica que o antecede, mas também será afetado pelas marcas significantes deixadas “sobre a substância viva” (Soler, 2010, p. 11). São essas marcas que instituem o inconsciente sem sujeito com seus elementos fora da cadeia, afetando “o corpo do ser que só se torna ser pelas palavras” (Lacan, 1971-1972/2003, p. 547), fragmentando seu gozo em zonas erógenas e ordenando uma gramática pulsional das montagens da pulsão ao redor de objetos. Traços que apagam *a Coisa*, mas não apagam esse *Um* rastro de gozo que afeta e recorta a superfície da “substância gozante” (Lacan, 1975/1982, p. 34). O inconsciente dos *Uns*, dos traços unários que não representam o sujeito, com “significantes numericamente ordenados” (Soler, 2012, p. 59), produz uma série, a série dos traços que não fazem cadeia.

Um dos efeitos da linguagem para uma criança seria, então, transportar e transferir as experiências de gozo e permitir, a partir de alguns recursos infantis, como no brincar e no sintoma fóbico, um enquadramento da angústia, a criação de um anteparo que permita salvaguardar o sujeito, sempre contando aí com os

efeitos desse objeto *a* extraído do gozo do corpo e seu retorno no mais-de-gozar. Amarrações da angústia que tornam possível certa economia de gozo a partir do recurso da simbolização. A coalescência entre a realidade sexual e a linguagem, tal como refere Lacan (1975) nos sintomas, aponta para a irrupção do gozo fálico, fora-do-corpo, para a possibilidade de o gozo do órgão ser transportado pelos elementos de *alíngua*: *wegen/wägen* (por causa do cavalo/carros e veículos) para Hans, *ratten/raten* (ratos/prestações) para o Homem dos Ratos.

Nos trabalhos sobre o Brincarte e o corpo brincante (Melo, 2016, 2019, 2022), abordamos o brincar como uma forma criativa e não sintomática de admitir em algum lugar a ausência do Outro, a falta do Outro, de dar um tratamento para a angústia que advém do desamparo diante das exigências pulsionais e do assujeitamento ao Outro. O brincar é uma modalidade de renúncia pulsional (Freud, 1920/2008), uma atividade que interpõe ao jogo de tapeação com a mãe o desejo de desmame, pois “não é verdade que a criança seja desmamada. Ela se desmama. Desliga-se do seio, brinca”, afirma Lacan (1962-1963/2005, p. 355). Como no *fort-da*, jogo que aparelha o real, o corpo comparece brincante como solução, superação e separação, como “resposta do sujeito àquilo que a ausência da mãe veio criar na fronteira do seu domínio” (Lacan, 1964/1990, p. 63). O Outro primordial introduz a zona de humanização dos corpos e dos sujeitos... Uma zona aberta aos excessos e transgressões. “O que o cavalo quer?” Me morder. “Vovó, por que essa boca tão grande?”. Por meio do corpo brincante, assistimos a brincadeiras nas quais as repetições herdeiras dos traços unários ilustram a afinidade entre gozo e angústia, pois um só episódio não restaura a ordem simbólica. Só se brinca com coisa séria, pois é da série que se trata, quando se brinca. No brincar, a criança reitera o encontro faltoso, repete a perda, mas com o recurso do simbólico. O real da fragmentação do gozo em zonas erógenas retorna nas teorias sexuais infantis, lá onde o sério é a série, onde saber e gozo engendram teorizações sobre o real em jogo.

Nas construções míticas de crianças em análise e nos contos infantis, retornam o horror e a angústia de ser o que se é: corpo cedido e objeto de gozo. Nos contos clássicos, as crianças são enganadas, ameaçadas, maltratadas, abandonadas, sequestradas, envenenadas, devoradas. Uma criança traz várias versões de histórias em que estão presentes a mãe, a garçone e o bebê, e na sequência das construções o bebê nunca sabe o que esperar da comida, ora quente demais, ora fria demais, até que um dia o bebê foi morto, cortado, cozido lentamente e servido em uma refeição familiar. Fim trágico de um bebê cujo pai “está sempre gripado”, me diz a criança. Outra criança tem pesadelos com um monstro que quer comê-la, até que um dia chega exultante à análise porque sonhou com o monstro, mas dessa vez, no sonho, ela lhe deu carne moída, e ele foi embora. “Este desejo que não pode ser saciado, trata-se de enganá-lo” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 198).

Com Hans (Freud, 1909/2008), apreendemos que os objetos fóbicos permitem uma transmutação da angústia em medo localizado, mesmo que seja o *medo de um “tigre de papel”* (Lacan, 1968-1969/2008, p. 313). O sintoma fóbico é uma defesa do desejo, um recurso para quem se vê ameaçado de desaparecimento do desejo. “Posto avançado” contra uma ameaça (Lacan, 1960/1998, p. 689), a fobia é uma “sentinela avançada, uma proteção contra a angústia” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 287). Ela se instala contra um perigo ligado à falta do Outro, posto “bem à frente do furo” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 322). Temos, assim, a fobia como um sintoma transitório da infância, que denota a existência de um trabalho psíquico, necessário diante da angústia “correlativa a esse momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 231).

No caso Hans, a angústia sobrevém com a descompensação no ternário imaginário com o Outro, ligada a alguns elementos de separação e perdas que não se manifestam perturbadores de imediato, como o nascimento de Anna (15 meses antes), e o gozo do órgão e suas primeiras ereções (um ano antes), além dos sonhos nos quais a mãe ou o pai não estivessem mais ali. Lacan (1956-1957/1995) assinala o golpe da intervenção materna, que foi escutada como depreciativa, ao dizer “isso é porcaria”, que tornou o pênis traumático, não simbolizável, ou seja, um problema, por não encontrar lugar para se colocar no discurso do Outro. É o que já mencionara no *Seminário de um Outro ao outro*, ao se referir à intromissão do gozo erótico justamente no tempo da positividade do sujeito como dependência do desejo do Outro. “O gozo que resulta desse *Wiwimacher* lhe é alheio a ponto de estar no princípio de sua fobia”, escreve Lacan na *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (Lacan, 1975, p. 9). A função fálica, ao condicionar a identificação do falo em outro lugar, no cavalo, inscreve o gozo castrado fora do corpo, pois um significante fálico desloca o gozo, passando-o ao inconsciente, ao significante.

Freud (1913-1914/2008), em *Totem e tabu*, extrai algumas lições do totemismo na infância e afirma que o sistema totemista “resultou das condições do complexo de Édipo, o mesmo que a zoofobia do pequeno Hans e a perversão de galinheiro do pequeno Arpád” (Freud, 1913-1914/2008, p. 134). Além da identificação com o animal totêmico e a atitude ambivalente de sentimentos em face dele, os dois tabus que constituem o núcleo do sistema totemista — não matar o totem e não usar sexualmente nenhuma mulher que pertença a ele — “necessariamente coincidem com os dois desejos recalcados do complexo de Édipo” (Freud, 1913-1914/2008, p. 145). O totem é o nome de um grupo, marca de uma linhagem de descendentes, e “possui um significado mitológico” (Freud, 1913-1914/2008, p. 109). Tão logo a função do totem entra em ação, o perigo será passado ao registro significativo, passado ao simbólico, como indica Soler (2018). O cavalo totêmico de Hans marca um campo limitado da relação com o gozo, ordena, proíbe, franqueia permutações, em uma

construção mítica sob o signo dos meios de transporte. O cavalo totêmico, metáfora de um pai, nomeia, escreve, torna legível uma vivência do real. É o que escreve Freud (1926/2008), em “Inibição, sintoma e angústia”, quando afirma que o que faz do medo do cavalo um sintoma é o fato de o cavalo substituir o pai. Um significante que barra um investimento de objeto intensificado pela identificação com o que há de mais real no sujeito, pois carrega a possibilidade de identificar o falo em outro lugar, no significante cavalo, que corta e recorta o espaço de circulação do pequeno Hans. O cavalo atrela e amarra, faz existirem circuitos possíveis, torna o mundo e seus objetos prenhes de toda ordem de significações.

Se o sistema totêmico resultou das condições do complexo de Édipo (Freud, 1913-1914/2008, p. 103), é porque ele invoca, entre outros, os crimes de Édipo e o perigo que se apresenta da tentação de ocupar o lugar de complemento fálico do Outro. Momento de certa crise do sujeito, que faz com que Hans não consiga ultrapassar certo círculo de visão de sua casa, embora deseje isso. O perigo que destitui o sujeito advém dessa possibilidade de se fazer equivaler a um objeto. Perigo à vista, objetos não identificáveis, emergência da angústia, regressão tópica. “Eu tenho medo que o cavalo me morda”, enuncia Hans. Para Freud (1926/2008), o “me morder” é o efeito de uma regressão, como uma ação defensiva diante da angústia, que, por meio do circuito pulsional, vai buscar no Outro uma resposta, reencenando o ternário imaginário a partir da fantasia de ser devorado. “A devoração é uma interpretação oral do abismo” (Soler, 2018, p. 137). As respostas infantis tratam o real: o *fort-da*, a construção mítica, as teorias sexuais infantis transformam e recriam sua relação com o mundo, brincam chistosamente com os significantes e formulam neoproduções, inconsciente em cena, sempre na tentativa de articular a solução de um problema.

Referências bibliográficas

- Cevasco, R., & Chapuis, J. (2021). *Passo a passo: rumo a uma clínica borromeana*. São Paulo: Aller.
- Cottet, S. (2011). Objetos fóbicos não identificados. In S. Cottet. *Ensaio de clínica psicanalítica* (pp. 128-134). Rio de Janeiro: Contra Capa. (Opção Lacaniana, 8).
- Freud, S. (2008). Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans). In *Obras Completas Sigmund Freud* (v. X, pp. 01-118). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2008). Tótem y tabú. In *Obras Completas Sigmund Freud* (v. XIII, pp. 03-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913-1914)
- Freud, S. (2008). Más allá del principio de placer. In *Obras Completas Sigmund Freud* (v. XVIII, pp. 01-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (2008). Inibição, sintoma y angustia. In *Obras Completas Sigmund Freud* (v. XX, pp. 71-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2008). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. 32ª conferencia. Angustia y vida pulsional. In *Obras Completas Sigmund Freud* (v. XXII, pp. 75-103). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1932-1933)
- Lacan, J. (1974). *La troisième*. In *Lettres de l'École freudienne* (pp. 177-203). Paris: EFP, 1975, n 16.
- Lacan, J. (1975). *Conferência de Genebra sobre o sintoma* (Conferência pronunciada em 04/10/1975 no Centro Raymond de Saussure). Recuperado de <https://lacanerafreudiana.com.ar/2.5.1.25%20%20%20%20CONFERENCIA%20EN%20GINEBRA%20SOBRE%20EL%20SINTOMA,%201975.pdf>
- Lacan, J. (1982). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1990). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (4a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: as relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 647-691). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (2003). ...ou o pior. Relatório do Seminário de 1971-72. In J. Lacan. *Outros Escritos* (pp. 544-549). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)

- Melo, R., B. (2016). As palavras como brinquedos. In *Stylete lacaniano*, n5, Revista da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (pp. 42-45). Recuperado de https://65cb68af-d40c-48ad-803f-1e225d9f5808.filesusr.com/ugd/d3c58b_e7dbac2a1d4b4852ac8de555ed71108d.pdf
- Melo, R., B. (2019). *O corpo brincante da criança*. Trabalho apresentado no XX Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-Brasil. Aracaju, Brasil.
- Melo, R., B. (2022). Brincarte com crianças. In A. Quinet (org.). *Hímeros, o brilho do desejo* (pp. 67-76). Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições.
- Rosa, J. G. (2019). Famigerado. In J. G. Rosa. *Primeiras estórias* (pp. 19-22). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Soler, C. (2010). O corpo falante. *Caderno de Stylus*. Rio de Janeiro: Internacional dos Fóruns, Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil.
- Soler, C. (2012). *Lacan e o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Soler, C. (2018). *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller.

Recebido: 01/11/2024

Aprovado: 15/11/2024